

Magnífico Reitor

Senhoras e Senhores

1. Agradeço o convite que me foi feito pelo meu velho amigo Galopim de Carvalho para apresentar o seu livro. Uma honra para mim - dado o perfil e a personalidade do Autor - mas absolutamente desnecessária, pelas razões invocadas pelo ex-Reitor, José Barata Moura, no excelente prefácio que abre o livro ora apresentado.

2. Descobri, aliás, na internet que o livro intitulado "Fora de Portas - Memórias e Reflexões" foi lançado em Évora, no Palácio Dom Manuel, pelo jornalista Carlos Pinto Coelho, em 4 de Julho passado.

E agora é lançado de novo na sede da nossa Universidade Clássica, na Reitoria. Enfim, como se dizia quando se estudava latim, "quod abundat non nocet"...

Galopim de Carvalho, professor emérito de geologia, investigador, divulgador da Ciência, conselheiro científico da RTP, apresentador dos dinossauros e descobridor das suas pegadas, homem de vasta cultura, ambientalista, curioso do Mundo da natureza e dos homens, e do Planeta Terra, que percorreu em várias direcções e continentes, incansável escritor - incluindo de interessantes livros de ficção, tais como: "O cheiro da Madeira" (1994), "O Preço da Borrega" (1995), "Os Homens que tapam as orelhas" (1987), "Poejos e outras ervas" - interessado em tudo e em especial no outro, humanista, progressista, cidadão intervencionista e activo participante da vida pública, merece tudo e os seus amigos e admiradores nada lhe podem recusar. Mesmo sucessivos lançamentos do seu belo e expressivo livro "Fora de Portas - Memórias e Reflexões".

O perfil humano e científico de Galopim de Carvalho foi traçado, com palavras simples e modestas, na introdução que o próprio escreveu para o seu livro. Confessa que parafraseou para o título do seu livro as palavras que escreveu Helena Henriques, ilustre professora da Universidade de Coimbra - como ele curiosa de tudo e paleontóloga - referindo-se à forma de Galopim estar na Geologia: "fora de portas (entenda-se não só encerrado na Universidade) e voltado para o público em geral". Galopim alargou o sentido da expressão: "Fora de Portas", isto é: da cidade que o viu crescer - Évora - mas sempre fascinado pelo mundo rural, exuberante, que na sua juventude cercava a cidade, e a abastecia e lhe mostrava as maravilhas da Terra, das pedras, dos minerais e das plantas que determinariam mais tarde a sua vocação científica.

Filho de uma família modestíssima, escreveu: "nas minhas raízes não houve doutores, engenheiros, almirantes ou generais, nem sequer um sargento. Houve um segundo grumete ao serviço da Fragata D. Fernando, que foi o meu Pai". A Mãe, costureira e dona de casa, e gentes do povo de muitas artes: dois corticeiros, um açougueiro, sem esquecer uma tia que, com as filhas, "fazia queijos de ovelha e tinha uma venda de hortaliças". O Pai estudou, concluiu o 5º ano que lhe valeu um emprego que lhe permitiu, com a ajuda da Mãe, educar os seis filhos e dar-lhes as habilitações a que cada um aspirava".

Galopim de Carvalho foi o que chegou mais longe. Tendo feito o liceu e entrado na Escola Politécnica (Faculdade de Ciências) onde se licenciou em Geologia, teve uma bolsa do Instituto de Alta Cultura em Paris, e, depois fez o doutoramento de novo na Faculdade de Ciências "tranquilamente", como diz, em 1968.

Além disso, trabalhou desde cedo, na escola da vida. Foi aprendiz na mercearia do Anselmo, na drogaria do Serrano e na livraria do Carapinha... Isso deu-lhe um conhecimento do povo mais humilde, de que nunca se afastou e do qual sempre foi solidário. Como docente da Faculdade de Ciências de Lisboa foi director do Museu Nacional de História Natural, de uma excepcional riqueza, nem sempre bem aproveitada. Mas o feito que o tornou mais conhecido do vasto público - e lhe deu tanto notoriedade - foi a verdadeira "cruzada" que empreendeu em favor da memória dos Dinossauros e da conservação das pegadas, que descobriu, entre outros sítios, em Pego Longo, Carenque. Dessa "cruzada", que envolveu muito a sociedade civil, que posso testemunhar, pessoalmente, bem como da gesta para a conservação das pegadas - em risco de serem destruídas pela construção de uma auto-estrada - e a célebre "Exposição dos modelos de dinossauros" que teve lugar na Politécnica, que visitei e que suscitou grande interesse e curiosidade na população em geral.

O livro que ora vos apresento reflecte e documenta toda uma vida e a personalidade que a tem vivido - e continua, felizmente, a viver - cheio de entusiasmo, saúde e energia, para empreender novos projectos. É uma personalidade fascinante de investigador, docente, académico e, ao mesmo tempo, cidadão, intervencionista, preocupado com a vida dos outros mais do que com a dele próprio.

O livro, recheado de conceitos pessoalíssimos e originais, consta de duas partes muito distintas. A primeira, de memórias, no sentido rigoroso do termo. Vai da infância e da adolescência, ao serviço militar, do aluno ao docente universitário, à sua estadia em Paris - uma descoberta - e, depois, ao regresso à Politécnica e à sua vida de professor.

A segunda parte trata fundamentalmente do seu trabalho no Museu Nacional de História Natural, que presidiu e dos seus combates geológicos e cidadãos. Um livro de 492 páginas, que se lê, não direi, de um fôlego, visto que o tempo não dá para isso, mas sempre com grande interesse.

O ex-Reitor José Barata Moura escreveu no prefácio que o livro não tem uma conclusão. É certo. Mas acrescento: nem podia ter. Porque a vida continua e o empenho em a viver, militante e solidariamente, como se dizia na nossa geração, continua vivíssimo em Galopim de Carvalho. Ninguém pode ter dúvidas quanto a isso.

Resta-me formular os melhores votos para o sucesso do seu belo livro - que está garantido, desde logo - e abraçar, com admiração e carinho, o meu velho amigo Galopim de Carvalho, por toda a sua vida exemplar e pela sua obra.

Lisboa, 21 de Outubro de 2008